

## ESQUETES DO COLETIVO CRIATIVO "PORTA DOS FUNDOS": UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DO FENÔMENO REFERENCIAL

Rivaldo Capistrano de Souza Jr.\*<sup>1</sup>  
Dean Guilherme Gonçalves Lima\*\*<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, objetivamos analisar processos referenciais no gênero textual esquete, bem como averiguar a função de referentes, objetos cognitivos e discursivos, para a produção do humor nesse gênero. Para isso, pautamo-nos pelos princípios teórico-metodológicos dos estudos em referenciação em perspectiva sociocognitivo-discursiva. Nosso *corpus* é constituído por um esquete produzido pelo coletivo criativo “Porta dos Fundos”. As discussões realizadas permitiram-nos verificar que i) a imbricação entre o verbal e o imagético atua de maneira relevante na introdução, na retomada e na recategorização de referentes e ii) os processos referenciais colaboram para instaurar o humor.

**Palavras-chave:** Esquete, Referenciação, Multimodalidade.

**Abstract:** This paper aims at analyzing reference processes in the sketch text genre, as well as ascertaining the referents function, cognitive and discursive objects, for the humor production in this genre. To do so, we are guided by theoretical and methodological referentiation study principles in the sociocognitive-discursive perspective. The *corpus* is constituted by a sketch produced by the creative group “Porta dos Fundos”. The discussions allow us to verify that i) the imbrication between verb and images works in a relevant way in the introduction, in the retaking and in the referents recategorization and ii) the reference processes collaborate to stablish the humor.

**Keywords:** Sketch, Referentiation, Multimodality.

### Considerações iniciais

Este trabalho se insere no campo teórico-metodológico da Linguística de Texto (LT) em perspectiva sociocognitiva e interacional e busca analisar: i) a atividade

---

<sup>1</sup>Professor Doutor de Língua Portuguesa e Linguística no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: r.capistrano@uol.com.br.

<sup>2</sup>Graduado em Letras Português/Francês pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: rc.cristiana@gmail.com.

referencial no gênero textual esquete e ii) a função que objetos de discurso (ou referentes)<sup>3</sup> engendram na construção do humor em esquete do coletivo criativo “Porta dos Fundos”.

Para esse intento, orientamo-nos pelos seguintes princípios: i) a linguagem é uma atividade sociocognitiva e interacional (MARCUSCHI, 2007), visão que implica considerar mutuamente constitutiva a dimensão social e interacional (os grupos sociais, os lugares e os papéis sociais, os propósitos da interação) e a dimensão cognitiva (o que os sujeitos sociais sabem, como dizem o que sabem e como intersubjetivamente entendem o saber do outro); ii) o texto é entendido como entidade multifacetada e dinâmica (KOCH, 2004), o que implica considerá-lo como uma configuração veiculadora de sentido(s) (SCHNOTZ, 2009).

Nosso *corpus* é constituído pelo esquete “Traveco da firma”, elaborado pelo criativo humorístico “Porta dos Fundos” e divulgado no canal no *Youtube*.

No que se refere às categorias de análise dos processos referenciais no gênero esquete, elegemos as seguintes categorias: introdução referencial, que diz respeito à primeira ocorrência do referente na materialidade do texto ou à evocação do referente por essa materialidade; as anáforas (correferenciais ou não), que propiciam as continuidades referenciais e os dêiticos.

Este trabalho está organizado em três seções. Inicialmente, teceremos considerações sobre os processos referenciais e seus princípios, bem como sobre referenciação e multimodalidade. Em seguida, realizamos uma breve caracterização do gênero esquete. Por fim, apresentamos uma proposta de análise do fenômeno referencial no esquete “Traveco da firma”.

No que se refere ao tratamento dos dados para a análise, procedemos, num primeiro momento, à apresentação da sinopse do esquete selecionado. Em seguida, realizamos a transcrição de alguns diálogos e selecionamos, apresentamos e descrevemos as cenas que julgamos relevantes para a verificação de processos referenciais.

Acreditamos que a reflexão sobre textos multimodais pode fornecer novos olhares acerca de processos referenciais, motivo pelo qual optamos por analisar, neste trabalho, o gênero textual esquete.

---

<sup>3</sup> Neste trabalho, tomamos como sinônimos as expressões “objeto de discurso” e “referente”. Assumimos o posicionamento de Alves Filho e Costa Filho (2013), segundo o qual não há uma distinção “terminológica entre referente e objeto de discurso, apesar de Mondada (2001 [1994]) propor que saíamos da noção de referente para a noção de objetos de discurso [...] Para nós, neste trabalho, referente e objeto de discurso têm o mesmo sentido, qual seja, o de entidades construídas socialmente por meio do emprego da linguagem” (ALVES FILHO; COSTA FILHO, 2013, p. 182-183).

## **O processo de referenciação**

Os estudos em referenciação, tal como entendidos por Mondada e Dubois (2003 [1995]), são implementados no Brasil por Koch e Marcuschi (1998). Na esteira de Mondada e Dubois, Koch e Marcuschi, na abordagem do fenômeno referencial, entendem que os referentes (ou objetos de discurso), longe de serem preexistentes à atividade textual-discursiva, se (re)constróem à medida que o discurso progride. Nessa perspectiva, focaliza-se o referente não como um objeto real, mas como um objeto constituído por expressões referenciais que levam em conta os sujeitos, seus conhecimentos, suas visões de mundo, suas experiências em sociedade; afinal, de acordo com Marcuschi (2007), a maneira como dizemos as coisas aos outros é decorrente de nossa atuação discursiva sobre o mundo e de nossa inserção sociocognitiva nele.

Sob o ponto de vista adotado, constroem-se referentes em práticas sociais com o objetivo de apresentar/introduzir entidades, levando-se em conta o “projeto de dizer” (KOCH, 2004). Em outras palavras, os referentes são (re)construídos no e pelo discurso, processo que exige a mobilização de conhecimentos partilhados, a produção de inferências e a negociação das intenções dos sujeitos. Nessa visão estratégica do processamento textual, a seleção de recursos de linguagem, portanto, não é uma mera atividade de designação, rotulação ou etiquetagem do mundo externo ao texto, mas se constitui num processo que revela como os interlocutores intersubjetivamente realizam escolhas significativas, (re)elaboram realidades e estabelecem suas expectativas e avaliações.

Ao serem instituídos no discurso, os referentes se transformam, se ampliam. Daí, no curso de uma interação, as categorias discursivas e cognitivas evoluem, e os referentes são reelaborados (recategorizados), contribuindo para a construção do(s) sentido(s).

Para Custódio Filho (2011), Cavalcante (2011), Capistrano Júnior (2012), Lima e Feltes (2013) e Lima e Cavalcante (2015), a recategorização é um processo evolutivo que não está restrito aos casos de retomadas anafóricas correferenciais, mas pode também acontecer sem a necessária homologação do referente por uma expressão referencial. Nessa orientação argumentativa, a recategorização envolve todas as ampliações e/ou as alterações por que, naturalmente, passam os referentes ao longo do texto.

A seguir, trataremos da classificação das expressões referenciais: a introdução referencial, as anáforas (direta, indireta e encapsuladora/rotuladora) e a dêixis.

## **Expressões referenciais**

A introdução referencial é entendida como a primeira aparição do referente no texto, processo que pode ocorrer de forma ancorada ou não ancorada (KOCH; ELIAS, 2006, 2009). Cavalcante (2011), por sua vez, amplia essa visão à medida que não atrela processos referenciais à explicitação de expressões nominais referenciais no texto, pois o que torna um referente acessível na atividade discursiva é o trabalho sociocognitivo e interativo dos sujeitos, que se guiam pela materialidade textual.

A expressão referencial anafórica, direta ou indiretamente, retoma um referente introduzido no cotexto (ou por ele evocado), promovendo a progressão referencial. Nesse processo, as anáforas diretas retomam (reativam) referentes previamente introduzidos, estabelecendo uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente (KOCH, 2004; KOCH; ELIAS, 2006, 2009).

Entretanto, as noções de correferência e anáfora parecem designar fenômenos distintos. Esta tanto pode retomar, total ou parcialmente, um mesmo referente, quanto pode fazer remissão a ele, num processo de continuidade referencial que se estabelece por diferentes tipos de associação; aquela implica, necessariamente, preservação de identidade referencial.

Além disso, a anáfora direta, na visão tradicional dos estudos sobre coesão, é limitada, pois é concebida no quadro teórico que entende a referência como uma designação extensional do mundo, como uma etiquetagem apriorística que estabelece uma relação biunívoca entre língua e mundo. Consideramos, ainda, que toda anáfora direta requer em seu processamento um tipo de cálculo inferencial<sup>4</sup>, e o referente, em sucessivas retomadas anafóricas, passa por ampliações de seu *status* informacional, contribuindo, assim, para o processo de recategorização (MARCUSCHI, 2007; CAVALCANTE, 2011; CUSTÓDIO FILHO, 2011; CAPISTRANO JÚNIOR, 2012).

As anáforas indiretas constituem uma estratégia de *ativação* de referentes novos e não de uma *reativação* de referentes já conhecidos, o que caracteriza um processo de referenciação implícita (KOCH, 2004; KOCH; ELIAS, 2006, 2009). Dessa maneira, um novo referente é introduzido, possibilitando que a continuidade referencial se estabeleça

---

<sup>4</sup> Para Marcuschi, “Inferir é realizar um raciocínio em que, com base em alguns conhecimentos (pessoais, textuais, contextuais, enciclopédicos, etc.), se chega a outros conhecimentos (não necessariamente novos)” (MARCUSCHI, 2000, p. 19).

inferencialmente por meio de diferentes tipos de associação entre antecedente (âncora) e a anáfora.

A anáfora indireta possibilita, ainda, a remissão não pontual a uma porção textual antecedente ou subsequente. Trata-se das anáforas encapsuladoras (CONTE, 2003) e dos rótulos (FRANCIS, 2003)<sup>5</sup>, que introduzem um novo referente na medida em que resumizam informações difusas no cotexto.

Com base nas considerações anteriores, podemos entender a anáfora como um procedimento de ativação ou reativação de referentes no modelo textual, atuando, assim, na continuidade referencial, na progressão temática e na coerência. Caracteriza-se pela vinculação a pistas co(n)textuais (âncoras), salientes na situação comunicativa ou recuperáveis por meio de vários tipos de conhecimento compartilhado. Em suma, isso equivale a dizer que as anáforas atuam como base e como pistas para referenciação.

Em síntese, defendemos, então, que as anáforas não são um mero mecanismo de preservação de referentes ou de conteúdos, que se efetiva por meio de elos coesivos explícitos. Trata-se, em perspectiva sociocognitiva e interacional, de um fenômeno textual que possibilita a retomada (ou a remissão para) um referente, possibilitando a sua recategorização ou instituindo novos referentes.

No que se refere ao processo referencial da dêixis, para Cavalcante (2011), paralelamente aos casos de introdução referencial e de anáfora, os dêiticos<sup>6</sup> podem ocorrer ou independentemente desses dois ou se sobrepondo a eles. Os processos dêiticos são tipos de introduções ou de anáforas que só podem ser entendidas se as relacionarmos ao enunciador e ao espaço ou tempo em que ele se encontra (CAVALCANTE et al. no prelo).

## **Referenciação e multimodalidade<sup>7</sup>**

---

<sup>5</sup> A diferença entre as anáforas encapsuladoras e os rótulos se encontra nas palavras de Cavalcante (2011): “É preciso entender que nem todos os anafóricos encapsuladores equivalem ao que Francis toma como *rótulos* [...]. O fenômeno estaria, pois, condicionado a dois traços singulares: um diz respeito à natureza lexical desse modo de referenciar; outro tem relação com a sua natureza semântico-textual. Desse modo, além de terem a propriedade de resumir porções do texto, os rótulos teriam que manifestar-se, necessariamente, por sintagmas nominais plenos; do contrário não seriam rótulos, mas somente anáforas pronominais que encapsulariam conteúdos, como *isso, nada disso, tudo isso* etc.” (CAVALCANTE, 2011, p. 49-50).

<sup>6</sup> Neste trabalho, por recorte na análise, trataremos de alguns casos de dêiticos espaciais “que marcam as noções de proximidade/distância em relação a um dado referente. Eles apontam para um lugar situado com relação a quem fala...” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO, BRITO, 2014, p. 90).

<sup>7</sup> Consideramos multimodalidade um traço constitutivo dos textos, cuja materialidade (explicitude do texto) é percebida e apreendida por meio de dois ou mais dos cinco sentidos: a visão, a audição, o olfato, o paladar e o tato. No que se refere a essa inter-relação de signos em textos multimodais, acreditamos não ser objetivo

Mais recentemente, considerando que a materialidade textual, ou seja, aquilo que é explicitado, realiza-se não apenas por meio de elementos verbais, mas também por meio de elementos não verbais, os estudiosos em LT propõem um conceito alargado de texto, de modo a contemplar as produções multimodais (CAVALCANTE, 2012; RAMOS, 2011, 2012).

Assim, nas produções multimodais, a construção/negociação do(s) sentido(s) se faz por meio do acionamento simultâneo e não linear de elementos linguísticos, imagéticos, sonoros etc. Signos verbais, imagéticos, plásticos se integram na materialidade textual e mobilizam conhecimentos prévios e desejavelmente partilhados.

No Brasil, o primeiro trabalho de que temos conhecimento sobre referenciação em textos multimodais é o de Ramos (2007), que defende a tese de os referentes poderem ser percebidos, na materialidade textual, tanto por meio de signos linguísticos quanto imagéticos. Dessa maneira, Ramos (2007, 2011, 2012) muito contribuiu para os estudos em referenciação ao atribuir aos elementos não verbais o mesmo *status* dado às expressões nominais referenciais na introdução, na retomada e na transformação de referentes. Também assumem esse posicionamento os trabalhos de Custódio Filho (2011) e Capistrano Júnior (2011; 2012).

Assim, o referente, ao ser instituído no discurso, pode ser percebido, na explicitude textual, tanto por meio de uma expressão nominal referencial quanto por meio de semioses ou evocado por meio dessa imbricação.

No estudo da multimodalidade, a LT tem estabelecido uma interface com a Semiótica Social, de Kress e van Leeuwen (1996). Esses autores tomam pressupostos da linguística sistêmico-funcional para propor uma Gramática do *Design Visual (Reading Images: the Grammar of Visual Design - GDV)*, na qual eles afirmam que as imagens assemelham-se às estruturas linguísticas na produção de significados e na constituição de formas de interação social.

No entanto, nessa interface, respeita-se, é claro, o quadro teórico-metodológico de cada teoria e suas diferenças epistemológicas. Além disso, Cavalcante (2015) adverte que “nem todos os critérios de análise das imagens indicados nas metafunções dos autores se prestam do mesmo modo à (re)construção das referências” (CAVALCANTE, 2015, p. 218).

---

da LT propor diferentes graus de hierarquização dessa imbricação, embora reconheçamos que ela exista, como defendem Kress e van Leeuwen (1996). Além disso, cabe-nos ressaltar que, por uma necessidade no recorte de análise do *corpus* selecionado, desconsideramos os elementos sonoros.

## **Breves considerações sobre o gênero textual esquete**

Segundo Marcuschi (2008), os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. São, portanto, entidades sócio-discursivas e formas de ação social, reificadas em uma dada configuração textual.

Tal afirmação implicar reconhecer que discurso e texto são noções necessariamente imbricadas, tal como afirmam Cavalcante et al. (2010): "[...] o texto não é simplesmente uma superfície material que conduz ao discurso, mas é visto como indissociável dele e é definido pelo uso" (CAVALCANTE, M. M. et al, 2010, p. 227). Por essa razão, optamos, neste trabalho, pelo uso da expressão “gêneros textuais”.

Segundo Pavis (1999), o esquete “é uma cena curta que apresenta uma situação geralmente cômica, interpretada por um pequeno número de atores sem caracterização aprofundada ou de intriga, aos saltos e insistindo nos momentos engraçados e subversivos” (PAVIS, 1999, p. 143), cuja principal motivação é a sátira da vida contemporânea.

Os esquetes apresentam a estrutura do texto dramático mais breve. São escritos para serem encenados, por isso a proximidade com a linguagem coloquial, e apresentam diálogos curtos sem a presença de um narrador. Não têm mais de dois minutos e meio de duração média.

Do ponto de vista humorístico, o ridículo de uma pessoa, objeto ou comportamentos é colocado em destaque de modo a provocar o humor. Nesse sentido, o esquete é uma narrativa ficcional (ou não) de humor e representa algum fato ridículo e caricatural com o objetivo principal de crítica e sátira a algum comportamento/pessoa.

No que se refere à análise de efeitos de humor, processos referenciais atuam de maneira relevante, uma vez que atuam como gatilho (RASKIN, 1985; POSSENTI, 1998) desencadeador da comicidade.

### **Referenciação e humor no esquete “Traveco da firma”**

No esquete “Traveco da firma”, escrito por Gregório Duvivier, um homem sai à procura de sexo pelas ruas da cidade e acaba sendo surpreendido ao encontrar seus colegas de trabalho fazendo um “bico” como travesti. Na história, os personagens são todos funcionários da mesma empresa: Maurício, o travesti; Jorge; Marquinhos do RH e Chico do Marketing.

Podemos observar, no título do esquete em análise, a introdução do referente “traveco<sup>8</sup> da firma”, que cumpre função discursiva de instaurar a comicidade. Com o intuito de garantir a manutenção e a progressão textual, esse referente é retomado imageticamente de forma estereotipada nos primeiros 23 segundos do vídeo. Andando por uma calçada, se insinuando para os carros que passam e acariciando os seios e as nádegas, ele porta um vestido curto com sutiã à mostra, usa maquiagem extravagante e mostra sua axila cheia de pelos, pistas que vão remodelando progressivamente o referente, ratificando o propósito comunicativo de engatilhar o humor.

Na sequência, um carro para, e o “motorista”, referente novo introduzido e percebido imageticamente, abaixa o vidro para poder conversar com o travesti. Essa introdução referencial é categorizada sociocognitivamente pelo espectador como “um cliente à procura de sexo”. Antes de travarem qualquer diálogo, o condutor do veículo olha para o travesti e o chama de “Maurício”, anáfora direta, que linguisticamente retoma (reativa) o referente imagético previamente introduzido no texto.

O travesti Maurício, ao perceber que sua identidade fora descoberta, coloca a mão no rosto, tentando se esconder, se afasta do veículo e fala, batendo nas nádegas: “eu trabalho aqui, sua louca!”. Podemos verificar que o referente “motorista” é recategorizado, na visão do travesti Maurício, como “sua louca”, expressão nominal referencial que evidencia, por meio do sarcasmo, o humor hostil. Já o dêitico “aqui” aponta para informações de lugar, tendo como ponto de referência o local em que ocorre a enunciação (CAVALCANTE, 2011).

Jorge, o motorista, porém, sem acreditar no que estava vendo (Figura 1), diz: “que porra é essa aqui?”.

---

<sup>8</sup> Segundo Lima e Barbosa (2011), o item lexical “traveco” origina-se de trava, forma truncada de travesti, mais -eco, sufixo que, nesse caso, indica valor pejorativo.





Figura 1 – Maurício se exibindo

Fonte: YOUTUBE. Porta dos fundos – TRAVECO DA FIRMA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Tv5b4JBGp-k>> . Acesso em: 26 set. 2015.

A expressão nominal “que porra” introduz no texto um referente e imprime uma avaliação da situação. Trata-se de uma estratégia de rotulação retrospectiva, que sumariza informações difusas do cotexto, marcando a estranheza de Jorge e evidenciando o propósito discursivo do gênero esquete de provocar a comicidade.

É importante assinalar que o que está sendo rotulado como “que porra” não é necessariamente tudo o que foi visto por Jorge e/ou feito por Maurício, mas a descoberta inusitada, ancorada na imagem (Maurício vestido de mulher; Jorge procurando um sexo fácil) e no verbal (a voz alterada de Maurício e o próprio diálogo entre eles) de que aquele travesti era Maurício, ou seja, os rótulos não sumarizam porções bem delimitadas no texto.

Por sua vez, “essa” constitui caso de anáfora encapsuladora, que empacota informações difusas no cotexto, e “aqui”, dêitico espacial, que alude ao lugar da enunciação.

Maurício, pela expressão facial, demonstra estar irritado com o colega, chega bem perto da janela do carro e manda Jorge não espalhar o que ele viu. Mesmo assim, Jorge é categórico ao dizer que Maurício não está enganando ninguém se passando por travesti. Acusação refutada imediatamente por Maurício que diz: “está chovendo cliente aqui, ó (bate nas nádegas). Aqui, ó, tá comendo muita gente aqui”.

Como podemos notar, a expressão referencial dêitica “aqui” faz referência às nádegas de Maurício, lugar situado. A acessibilidade referencial, nesse caso, ocorre por meio da imbricação entre o verbal e o imagético.

Os objetos de discurso Maurício e Jorge são mantidos em saliência durante todo o esquete e retomados imageticamente na figura 2:



Figura 2 – Maurício e Jorge conversando

Fonte: YOUTUBE. Porta dos fundos – TRAVECO DA FIRMA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Tv5b4JBGp-k>> . Acesso em: 26 set. 2015.

Lembramos que esse processo de retomada efetivado pelas anáforas diretas (linguísticas ou imagéticas) é sempre recategorizador, uma vez com os referentes têm seu sentido ampliado, considerando os elementos verbais e não verbais.

Na conversa que travam, Jorge, ao ouvir de Maurício que “aqui é o lugar” para se conseguir dinheiro, diz “só você é capaz de fazer uma loucura dessas”. Mais uma vez, valendo-se de um rótulo retrospectivo marcado pela expressão referencial recategorizadora “uma loucura dessas”, que cumpre com o propósito de provocar o humor.

O diálogo entre os dois personagens segue:

MAURÍCIO – *(rindo)* Só eu?! Tu que acha ... Sabe o Marquinho do RH?

JORGE – O vascaíno?

MAURÍCIO – Ele que me trouxe! Ali ele, ali, ó. *(vemos um outro travesti marcando ponto)* De meia arrastão. É ele, sim! É porque não parece. E atrás dele é o Chico do Marketing. Ali o Chico. Chico! *(vemos Chico marcando ponto)* Dá um oi pra gente! *(Chico sorri e acena na direção deles)* É o Menezes! Vem cá!

JORGE – *(desesperado, contendo Maurício)* Shiii! Para! Não é possível que seja o Chico!

Nesse diálogo, dois novos objetos de discurso são apresentados, a saber: Marquinhos do RH (Figura 3) e Chico do Marketing (Figura 4).

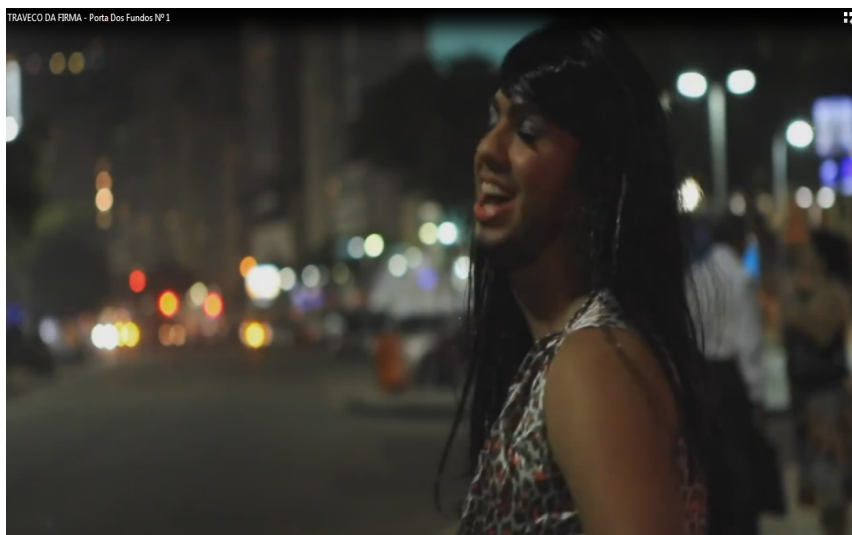


Figura 3 – Marquinhos do RH

Fonte: YOUTUBE. Porta dos fundos – TRAVECO DA FIRMA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Tv5b4JBGp-k>>. Acesso em: 26 set. 2015.



Figura 4 – Chico do Marketing

Fonte: YOUTUBE. Porta dos fundos – TRAVECO DA FIRMA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Tv5b4JBGp-k>>. Acesso em: 26 set. 2015.

“Marquinhos do RH” e “Chico do Marketing”, objetos de discurso ainda não mencionados, são introduzidos no texto e constituem importante estratégia cognitivo-interativa de focalização.

Por outro lado, as expressões nominais de valor atributivo “do RH” e “do Marketing” ancoram-se inferencialmente no referente “firma”, já introduzido, e promovem o delineamento dos referentes “Marquinhos” e “Chico”. Com isso, temos uma estratégia

híbrida, em que se apresenta uma informação nova, mas indiretamente associada a uma informação já dada. Estamos diante de anáforas indiretas nos sintagmas preposicionados, que, pelo papel atributivo, desempenham função discursiva de recategorizar os referentes introduzidos.

Após as identidades dos personagens serem descobertas e Maurício explicar o motivo pelo qual ele está se prostituindo de noite, o diálogo a seguir é travado. Nele, podemos observar a introdução de um novo referente “coisinha maneirinha”.

JORGE – Shiiiiu! Para! Não é possível que seja o Chico!  
MAURÍCIO – Aliás ... Se você veio procurar uma coisinha (*faz um gesto*) maneirinha, eu diria que o Chico é a tua pedida. Dizem que o Chico tem uma boquinha de veludo ... Eu não sei. Mas é rodado. Ele estar aqui é sorte tua.

O referente “coisinha maneirinha” é introduzido na fala do personagem simultaneamente ao gestual, constituindo uma maneira conjunta de introdução referencial, via recursos semióticos. Podemos afirmar, ainda, que, na inter-relação com o gestual, ele é recategorizado sociocognitivamente como “sexo”. Entendemos, com isso, que a recategorização, longe de ser um processo linear que se efetiva nas retomadas anafóricas, mobiliza, sociocognitivamente, várias âncoras (CUSTÓDIO FILHO, 2011; LIMA, CAVALCANTE, 2015), como o gesto que o ator faz com a mão, conforme figura que segue:



Figura 5 – Maurício fazendo o gesto

Fonte: YOUTUBE. Porta dos fundos – TRAVECO DA FIRMA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Tv5b4JBGp-k>> . Acesso em: 26 set. 2015.

A partir do gesto que é feito, os interlocutores mobilizam sistemas de conhecimentos a fim de dar sentido à expressão referencial “coisinha maneirinha” como “sexo”. Isto é, a recategorização do objeto de discurso foi desencadeada por um gesto. E observamos que isso ocorre com muita frequência quando queremos fazer referência a questões que envolvam a sexualidade. É por isso que acreditamos que, sociocognitivamente, a imbricação do verbal e do imagético possibilita não só a introdução referencial, mas também a recategorização, entendida como um processo multilinear.

Na sequência do esquete, depois de Jorge, desesperado, dizer que tinha perdido o tesão, Maurício continua provocando e faz o seguinte gesto:



Figura 6 – Maurício tentando seduzir Jorge.

Fonte: YOUTUBE. Porta dos fundos – TRAVECO DA FIRMA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Tv5b4JBGp-k>> . Acesso em: 26 set. 2015

Mais uma vez, o que podemos observar é a não exclusividade do elemento verbal na (re)elaboração dos objetos de discurso. O referente “sexo oral” é acionado quando Maurício passa a língua pela boca por dentro da bochecha. Ao invés de pronunciar a palavra “sexo oral”, Maurício gesticula, introduzindo, assim, o referente.

### **Considerações finais**

Considerando a linguagem como atividade cognitiva e ação social que se efetiva na interação entre sujeitos, este trabalho teve como propósito analisar processos referenciais no gênero textual esquete, que geralmente se apresenta como um texto não muito longo, cujo propósito é instaurar o humor.

No que se refere à referenciação, verificamos que a imbricação entre o verbal e o imagético atua de maneira fundamental na introdução, na manutenção e na recategorização de referentes. Desse modo, os referentes não se manifestam apenas a partir do material linguístico do texto, mas também por meio da imbricação com outros elementos da materialidade textual, como os gestos e as expressões faciais.

Por fim, os processos referencias colaboram relevantemente para instaurar o cômico e o irônico no esquete analisado, exigindo continuamente a ativação de conhecimentos partilhados no contexto sociocognitivo e interacional dos interlocutores.

## Referências

ALVES FILHO, F.; COSTA FILHO, J. N. S. A construção referencial de contraventores sociais ricos e pobres em notícias. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. (Orgs.) *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013. p. 181-204.

CAPISTRANO JÚNIOR, R. Ler e compreender tirinhas. In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). *Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 227-235.

\_\_\_\_\_. *Referenciação e humor em tiras do Gatão de meia-idade*, de Miguel Paiva. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

CAVALCANTE, M. M. Referenciação e multimodalidade. In: VALENTE, A. C. *Unidade e variação na língua portuguesa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 213-221.

\_\_\_\_\_. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: UFC, 2011.

\_\_\_\_\_.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.

\_\_\_\_\_. et al. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 225-261.

\_\_\_\_\_.; LIMA, S. M. C. de (Orgs.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.

\_\_\_\_\_. et al. Coerência e referenciação. In: MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M. *Linguística Textual e ensino*. São Paulo: Contexto (no prelo).

CONTE, M. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003 [1996]. p. 177- 190.

CUSTÓDIO FILHO, V. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*, 2011. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

FRANCIS, Gill. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003 [1994]. p. 191-228.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A*, v. 14, p. 169-190, 1998. (número especial).

\_\_\_\_\_.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 1996.

LIMA, B. C.; BARBOSA, M. F. M. O sufixo -eco sempre forma diminutivo com valor pejorativo no PB?. *Domínios de lingu@gem*. Revista Eletrônica de Linguística Volume 5, nº 2 – 2º Semestre 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/13702>>. Acesso em 25 de out. 2016.

LIMA, S. M. C.; FELTES, H. P. de M. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, M. M; LIMA, S. M. C. de (Orgs.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013. p. 30-58.

\_\_\_\_\_; CAVALCANTE, M. M. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 13, p. 295-315, 2015. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/357d083dd43195695b2541a9bde1b43d.pdf>>. Acesso em 20 de out. 2016.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p.19-36.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-32.

PAVIS, P. *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

RAMOS, P. E. Estratégias de referenciação em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas. *Ling. (dis)curso* [online]. 2012, vol.12, n.3. Disponível em: <[http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/1221/1022](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/1221/1022)>. Acesso em 06 de out. 2016.

\_\_\_\_\_. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.

\_\_\_\_\_. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*, 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

RASKIN, V. *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht, Holland: Reidel Publishing Company, 1985.

SCHNOTZ, W. O que acontece na mente do leitor ? Os processos de construção mentais durante a compreensão textual do ponto de vista da psicologia e da linguística cognitiva. In: WIESER, H. P. ; KOCH, I. G. V. *Linguística textual: perspectivas alemãs*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 [2006]. p. 166-185.

Artigo recebido em: 21/09/2016.

Artigo aceito em: 04/11/2016.

Artigo publicado em: 23/12/2016.